

MACUMBA GOSPEL

Um (des)conto mirabolante de Cao Benassi

SOBRE O TEXTO

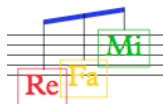
“Macumba gospel” é um texto de 2018, produzido a partir de uma cena ocorrida em uma escola estadual de ensino fundamental e médio, localizada no município de Santo Antônio do Lerverger, em Mato Grosso. Elaborado a partir de elementos recortados da realidade, de observações atitudinais/comportamentais dos atores envolvidos mesclados a elementos ficcionais, o texto aborda o preconceito para com as religiões afro-brasileiras, a não alteridade e exotopia de uma profissional da referida escola para com a sua clientela escolar – neste caso, constituída predominantemente por alunos afrodescendentes. Mostra que o mal pode ser feito independentemente da religião que se professe e, principalmente, a incapacidade do ser humano de incorporar a principal mensagem que nos deixou o mestre Jesus: “amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”.

SOBRE O AUTOR

CLAUDIO ALVES BENASSI



Professor do Departamento de Letras, da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor em Estudos de Linguagens e Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea, ambos pela UFMT. Especialista em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela UNIASSELVI. Licenciado em música pela UFMT. Criador do Sistema de Escrita de Sinais VisoGrafia e do Sistema Harmônico Numerológico Pitagórico. Editor-Gerente das Revistas Diálogos e Falange Miúda. Pesquisa a gênese musical pelo viés bakhtiniano do problema do conteúdo, material e forma e as aplicações da escrita de sinais na literatura em língua de sinais. É compositor, poeta, contista, flautadocista e ocarinista (luthier e instrumentista).

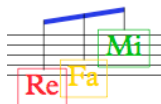
*Cena I*

Nice, dedicada e “virtuosa” cristã, sempre se orgulhara dos princípios que recebera no imponente templo que frequenta. “Zelosa” das “Palavras de Deus”, a piedosa alma nunca se conformava com aquelas que ainda não foram alcançadas pela “libertadora” salvação, a garantia de vida eterna.

Como zelosa alma que era, profissional abdicada dos anseios mundanos, sentia-se na obrigação de levar a “Luz Divina” aos seus pupilos por meio de intermináveis orações no início de suas aulas, quase sempre “incorporando” o Espírito Santo.

Para ela, era inadmissível que existissem no local em que exercia o “sacrossanto sacerdócio docente” colegas de profissão “macumbeiros”, os quais a mesma considerava como figuras condenadas à “perdição eterna”, pessoas que, por não merecerem o reino dos céus, a eles estavam reservados os calores dos infernos, aos “adoradores do demônio”...

Naqueles dias, haveria festa e comemorações em seu ambiente de trabalho e, coincidentemente, irmã Nice foi escalada para compor uma banca que tinha como membro um dos “famigerados macumbeiros”. Dada a proximidade do evento, irmã Nice inicia sua “campanha” de oração, enquanto Guto (o macumbeiro) adocece misteriosamente, sem que os médicos consigam encontrar a origem de tal mal súbito ou mesmo diagnosticá-lo.

*Cena II*

Néia, outra profissional da escola, bate à porta de irmã Nice para pegar alguns objetos pedagógicos de sua pertença, os quais Nice tomara emprestado e convenientemente se esquecera de entregar.

Irmã Nice, que até aquele momento continuava em oração, se levanta e abre a porta para receber a colega de trabalho. Uma pequena filipeta de papel escapa-lhe do joelho, sem que ela perceba. Néia, que havia sido convidada a se sentar e esperar até que irmã Nice buscasse seus objetos, se abaixa e recolhe-a.

Néia se espanta com o que lê!

Alguns dias depois, ao encontrar-se com Guto em seu local de trabalho, Néia discretamente entrega-lhe a filepeta de papel amarelada e explica:

– Tome cuidado! Fui à casa de irmã Nice pegar umas coisas minhas daqui da escola...

– E...

– Ela estava ajoelhada rezando. Quando se levantou, isso caiu de seu joelho!

– Ham... como assim... meu nome?!

No outro dia, no terreiro:

– Mãe...

– Não precisa dizer nada... eu já sei. Filho, ela... ela “quebrou” seu anjo da guarda!